

O erotismo em “Cadela” de Luiz Vilela

Margareth Laska de Oliveira
FAFIPAR

Resumo: Este trabalho visa analisar o conto “Cadela” de Luiz Vilela, publicado originalmente na coletânea *O fim de tudo* de 1973. Tal análise objetiva esclarecer como ocorre o erotismo numa violência sexual do corpo, através de uma cópula anal, em que o homem violenta e a mulher se submete a esta violência, ambos com prazer. Enfatiza-se o fato de que entre este casal houve uma traição, por parte da mulher, que não é explicitada para o leitor durante a narrativa. Neste sentido, buscar-se-á um aprofundamento do caráter psicológico das personagens, com intuito de compreender o erotismo presente nessa relação de amor e traição. Para tanto, fez-se necessária a presença de algumas considerações a cerca do erotismo, buscando compreendê-lo presente nas relações da vida humana e influenciando, atualmente, as artes de modo geral e, principalmente, a literatura, para a utilização destas reflexões na análise do conto de Luiz Vilela. Além disso, buscar-se-á compreender como a intertextualidade com a *Bíblia Sagrada* influencia o decorrer dos acontecimentos na narrativa, bem como, a atitude das personagens diante do desejo erótico e violento.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Luiz Vilela; erotismo.

The eroticism in "Cadela" by Luiz Vilela

Abstract: This study aims to examine the story "Cadela" by Luiz Vilela, originally published in the collection *The end of all* of 1973. This objective analysis explain how the eroticism occurs in a sexual assault of the body, through an anal copulation, where the violent man and woman were put to this violence, both with pleasure. Stresses around the fact that between the couple was a betrayal by the woman, it is not clear to the reader during the narrative. In this sense, it will seek a deepening of the psychological character of the characters in order to understand the eroticism that this relationship of love and betrayal. To that end, it was made necessary the presence of some considerations about the eroticism, seeking understand it this in the relations of human life and influence, today, the arts in general and, especially, literature, for use in such discussions analysis of the story of Luiz Vilela. Moreover, it will seek to understand how the intertextuality with the Holy Bible influence the course of events in the narrative, and the attitude of the characters before the violent and erotic desire.

Keywords: Brazilian Literature; Luiz Vilela; eroticism

Na atualidade não é muito difícil entrar em contato com diversas estimulações eróticas, ela está presente a todo o momento e em qualquer local. Diante disso, o corpo tornou-se uma mercadoria que é exposta exaustivamente e o ato sexual foi transformado em espetáculo poderoso para o consumo, presente na comunicação de massa: televisão, cinema, etc.

Quando se pensa na representação do erotismo na literatura contemporânea, percebe-se a retratação de uma sociedade que cria e apresenta uma estimulação extremamente erótica ou que está em constante contato com diversas formas dessa estimulação erótica. Assim, a literatura apresenta-se como a demonstração destas estimulações sexuais, numa tentativa de apreensão e compreensão da sociedade contemporânea.

Na tentativa de uma definição do erotismo, busca-se entendê-lo ligado aos instintos que regem o homem na sua busca de realização e, por conseguinte, à atividade sexual como meio de reprodução. Portanto, a atividade erótica humana não está fechada em si mesma e visa o prazer de forma singular. Para Freud (1969), a sexualidade apresenta-se como o aspecto decisivo na formação das pessoas, está entre os mais importantes impulsos humanos e é responsável pela perpetuação da espécie. Porém, não só a experiência sexual vivida é considerada importante, mas também as fantasias ligadas ao assunto. A necessidade sexual, a qual o homem está submetido pelos seus instintos naturais, é transformada em necessidade de realização erótica, constituída por diversas formas: desde o ato sexual natural até às suas formas mais grotescas de manifestação e satisfação.

Mas, em quais termos os instintos levam o homem ao erotismo? Em que momento o homem se separa dos desejos caracterizados como animais para realizar-se como um ser erótico? Aparentemente, a ocorrência dos atos eróticos nasce da busca de prazer que os instintos constituem, nem sempre advindos da necessidade de reprodução. Diante disso, a sexualidade humana ultrapassa as preocupações com a procriação para tornar-se algo individual, ligado a um objeto de desejo específico. O momento em que o homem submete-se ao instinto sexual, tem-se, além da posse do objeto desejado, a expectativa, a imaginação e a curiosidade ansiosa que atuam como fatores eróticos para o completo prazer sexual. Assim, diferencia-se a atividade sexual humana da animal.

Contudo, a realização do prazer erótico não está delimitada na posse do objeto de desejo, está, também, na forma como acontece a apropriação do objeto de desejo, que pode chegar ao horrível e cruel. Assim, verifica-se como o jogo erótico atua na atividade sexual humana, diferenciando-a da atividade animal. Desta maneira, a atividade erótica é exclusivamente humana, já que nos animais sexuais não se encontram tais expressões de obtenção do prazer.

O erotismo pode ter o sentido, segundo Bataille, da “aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 2004, p. 19), num jogo de destruição e criação do ser. No ato sexual evidencia-se uma pequena morte no auge do prazer erótico, caracterizado pelo desejo extremo que o ser vivencia. Encontra-se, neste jogo de conflitos eróticos, dois seres distintos que se relacionam sexualmente produzindo um novo ser, que também será distinto de todos os outros, apesar de todos esses seres pertencerem ao mesmo grupo animal. Então, cada ser é único, independentemente das suas relações com outros seres, não existe igualdade nos acontecimentos ao decorrer da vida e nem nos desejos sentidos e vivenciados pelo ser.

Bataille (2004, p. 21) chama esta diferenciação entre os seres de descontinuidade, portanto, a relação sexual coloca dois seres semelhantes mas descontínuos juntos. No momento da cópula nasce uma continuidade que gera um novo ser, que se tornará descontínuo. Esta continuidade pode caracterizar uma morte, não física, nos dois seres que se relacionam. Com efeito, esse sentimento de continuidade numa espécie de pequena morte fascina o homem, trazendo-lhe uma vertigem e uma atitude que vacila entre o tabu e as regras sociais e o desejo instintivo. Mas quando o objeto amado não pode ser possuído, restringindo o anseio do amante, este pode pensar no suicídio ou na morte do amado, preferindo a morte real à sua descontinuidade.

Evidencia-se, neste sentido, o caráter violento e maligno que o desejo pode possuir. Na realização erótica encontram-se diversas formas de realização e que se manifestam de várias maneiras. Na impossibilidade de obtenção do objeto que desperta a cobiça sexual, o ser tem o aumento do seu desejo, podendo tornar-se violento. Quando, enfim, consegue a aproximação necessária para a realização dos seus impulsos, o faz de maneira violenta e grotesca. Pensa-se, neste momento, que o homem assume um papel ativo em relação à mulher, que é passiva durante a realização sexual. Portanto, percebe-se a violência com que se realizam tais atos eróticos. Violência que pode atuar como uma inesgotável fonte de prazer, tanto para quem violenta, como para quem é violentado, numa relação sádico-masoquista.

Segundo Lins (1990, p. 57), a sexualidade está ligada à violência, sendo que foi necessária a criação de regras e tabus para o seu controle desde os povos primitivos, a fim de reprimir os atos violentos. Assim, o homem relaciona os seus instintos sexuais às suas manifestações de violência. Todavia, o erotismo violento não aparece somente com a impossibilidade de realização sexual, sendo encontrado entre casais com um relacionamento estável. O desejo grotesco não é estranho neste caso, pois é realizado com a aprovação de ambos os parceiros, o ativo e o passivo, e não leva ao seu extremo: a morte. Apesar do caráter violento do erotismo se apresentar em relacionamentos estáveis, encontra-se na impossibilidade sexual uma maior influência fantasiosa que alimenta o desejo inicial. Assim, a violência assume uma atitude mais forte e real, pois o ser desejado que não quer se relacionar com o ser que deseja, não faz parte dos jogos eróticos que levam à violência na atividade sexual, pois o desejo não é compartilhado entre os dois seres.

Porém, nada impede que a parte passiva na atividade sexual assuma um desejo por ser violentada, ou ainda, provoque esta violência com a demonstração do seu corpo, através da nudez. Diante disso, a nudez representa um papel importante no erotismo, provocando o desejo e levando o homem de volta à natureza, reintegrando-o, através dos instintos primitivos, na possessão do corpo observado. Assim, quem está se submetendo aos olhares do desejo tem algo de narcíseo e vaidoso na sua própria nudez. Em geral, é a mulher que revela o seu corpo, obrigada ou não, para o homem realizar seus impulsos instintivos. O vestuário feminino atua diretamente no fetichismo do homem, gerando a necessidade de olhar a nudez do ser amado de forma completa.

Denota-se, portanto, o ciclo do desejo ativo: o ser é amado, as suas roupas geram uma fantasia, levando à necessidade da nudez e à consumação sexual, através da violência ou não. Acrescenta-se que para o ser passivo este ciclo pode ser verdadeiro ou não e, mesmo no caso de repúdio do outro, o prazer pode existir na finalização do ato sexual.

Para a realização desta pesquisa, delimitam-se os aspectos eróticos presentes na narrativa a ser analisada: a cópula anal. Freud (1969) denota a repugnância do ânus como o “selo de perversão”, em que o fato de servir para excreção e ter contato direto com os excrementos fundamenta sua hipótese. Além disso:

O papel sexual da mucosa do ânus de modo algum se restringe à relação sexual entre homens, nem tampouco a predileção por ela é característica da sensibilidade dos invertidos. Parece, ao contrário, que o paedictio do

homem deve seu papel à analogia com o ato praticado com a mulher. (FREUD, 1969).

Assim, pode-se entender que a relação anal é uma diferenciação sexual, a qual não se especifica um aspecto anormal em relação à realização erótica. No entanto, há a aversão a esta atividade sexual, mais aparente nas mulheres, que pode ser relacionada com a repugnância dos dejetos e a possível dor causada por uma penetração violenta. Bataille, contudo, expressa o horror pelos cadáveres como próximo ao dos excrementos humanos, em que: “Esse paralelo tem ainda mais sentido se considerarmos o horror análogo em relação aos aspectos da sexualidade que qualificamos de obscenos. Os condutos sexuais evacuam dejeções;” (Bataille, 2004, p. 88). Assim, não é somente o orifício anal que pode causar repugnância, mas também os órgãos sexuais. No entanto, Freud evidencia que “As tendências que visam a um fim passivo vinculam-se à zona erógena do orifício anal” (Freud, 1969). Acrescenta-se que, para Freud, “o erotismo anal é um dos componentes do instinto [sexual] que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a nossa atual civilização exige, se tornarão inúteis para os fins sexuais.” (Freud, 1969). Todavia, sabe-se que a cópula anal traz um fascínio, um prazer na sua transgressão e, até certo ponto, na sua violência e passividade, redefinindo este instinto sexual que o deseja.

Fez-se necessária a presença deste levantamento a cerca do erotismo, com o intuito de compreendê-lo presente nas relações da vida humana, esclarecendo, com isso, o papel que a sexualidade possui atualmente, influenciando as artes de modo geral e, principalmente, a literatura, para a utilização destas reflexões na análise do conto “Cadela”, de Luiz Vilela.

Luiz Vilela, nascido em Minas Gerais em 1943, foi considerado por Antonio Candido, citado por Tamura, como um autor que segue uma linha de escrita mais tradicional, mesmo sem ser convencional, pois não busca a inovação a todo custo, nem peca pelo excesso de experimentalismo. Sendo assim, é considerado como um dos mais importantes contistas da literatura atual. Vilela trata dos temas amor e sexualidade situando-as em problemáticas mais amplas, no âmbito social, psicológico, cultural, e, até mesmo, no contexto da religião católica. Portanto, o conto que será analisado neste trabalho, está inserido neste contexto temático.

Em “Cadela”, de Luiz Vilela, publicado originalmente na coletânea intitulada *O fim de tudo*, de 1973, tem-se uma traição, que não é descrita ao longo da narrativa; o amor entre o casal, que se desgasta em virtude desta traição; e um desejo erótico e violento. Um casal sobe a encosta de um morro, o homem, chamado Adão, acusa a mulher de uma traição, da qual o leitor não tem conhecimento, enquanto ela lhe pede perdão. Em seguida, ele a violenta praticando cópula anal e, numa atitude inesperada, a mulher beija-lhe os pés após ser violentada.

A narrativa apresenta grande densidade psicológica, o que lhe confere certa dramaticidade, organizando-se em ordem cronológica, em que o narrador conhece a história narrada e a descreve sem comentários. Encontram-se, no conto, apenas duas personagens: Adão, o homem que foi traído; e a mulher, que não é nomeada, mas chamada de “Cadela” (VILELA, 2006, p.55), denominação que dá título ao conto e, portanto, define a mulher como protagonista da narrativa.

Salienta-se que o título do conto caracteriza essa mulher que será apresentada, sendo que durante a narrativa não se tem uma descrição específica desta mulher como um todo, mas apenas daquilo que representa a sua sexualidade: “seus seios, grandes e de tetas largas [...] o sexo erguido para o céu, latejante e úmido.” (VILELA, 2006, p.55). Conseqüentemente, evidencia-se, nesta caracterização erótica, que a mulher representa o objeto sexual masculino, que será olhado, desejado, e violentado pelo homem que lhe acompanha. Além disso, tem-se uma traição, que não é explicitada para o leitor em nenhum momento da narrativa, que ela comete anteriormente para esse homem, denotando o conflito da história com a conseqüente violência erótica e sensual no seu desfecho.

É relevante o fato de que essa mulher não tem o seu nome definido no conto, sendo caracterizada pelo Adão como “Cadela” (VILELA, 2006, p. 55) e, posteriormente, como “puta” (VILELA, 2006, p. 56), numa atitude ofensiva de definição da mulher traidora, representando a sexualidade de forma mundana e a mulher como um objeto dos desejos masculinos. Origina-se, então, uma universalização da figura feminina como estereótipo sexual em contraposição ao seu companheiro que é chamado de Adão e tem uma descrição mais definida:

A subida, no calor daquela tarde, a conversa e sua própria corpulência o haviam cansado, e ele arfava pesado – o bigode grosso, a barba lhe cobrindo quase toda a cara. [...] Ele tinha o rosto contraído, os olhos apertados. [...] o rosto ainda mais contraído, o suor escorrendo, o tórax se dilatando com a respiração opressa (VILELA, 2006, p. 53 e 54).

Percebe-se que este homem tem um aspecto grosseiro e apresenta-se psicologicamente preso nas suas próprias sensações; levando-o, em seguida, ao auge do conflito dramático dentro da narrativa, no momento em que “Seu rosto explodia de cólera.” (VILELA, 2006, p. 55), nascendo o desejo erótico e violento pela mulher. Começa aí a descrição deste desejo, que num primeiro momento é correspondido pela mulher, até a realização da violência sexual, que leva a mulher a ter pavor e, em seguida, sentir prazer durante a cópula anal.

Entendendo a descrição do narrador para a figura feminina como evidência da sua sexualidade e sensualidade, pode-se afirmar que a traição que ela cometeu refere-se a uma traição sexual com outra pessoa não definida. Sendo assim, apresenta-se na narrativa um forte conflito dramático, em que a mulher se posiciona numa atitude de arrependimento ao pedir perdão ao homem que lhe acompanha.

Este arrependimento vem seguido de uma afirmação feita pela mulher: “- Todos nós erramos...” (Vilela, 2006, p. 54), enfatizando o ser humano como um todo, passível de erros e enganos. Após esta afirmação que ela faz sobre o homem, incluindo-se, Adão rompe em ódio dentro do seu próprio conflito, o que pode ser entendido tanto como a não aceitação da traição, tanto como a não aceitação da afirmação feita pela mulher sobre o ser humano.

O ódio que explode em Adão transforma-se num desejo sexual e violento, causando medo na mulher, reação que irá se alterar entre o pavor indefeso e o desejo sexual que a levará ao prazer. Portanto, considera-se o conflito dramático na forma de ambigüidade nas duas personagens: o homem entre o ódio e o rancor por ter sido traído e o desejo pela mulher que o traiu; e a

mulher que admite o seu erro e está entre o medo e o pavor, encontrando-se desarmada, e o desejo erótico seguido do prazer na violência recebida através da cópula anal.

Encontra-se na narrativa a lembrança de Adão de como era a relação do casal antes da traição:

“- Você destruiu tudo – ele disse -, tudo o que havia de bom, tudo o que havia de verdadeiro entre nós. Você destruiu tudo isso. A mulher o olhava em silêncio. – Eu confiava em você – ele continuou -; eu te respeitava; eu te amava. Você era para mim como uma princesa.” (VILELA, 2006, p. 54).

Em vista disso, tem-se a acusação de Adão de que a mulher é responsável por destruir uma relação estável baseada no amor e por acabar com os sentimentos que ele sentia por ela, magoando-o profundamente. Além disso, denota-se que o casal tinha uma relação de amor calcada na confiança e no respeito, aparentemente presentes apenas no homem que foi traído. Pois, além dele fazer esta afirmação em primeira pessoa, subentende-se que a mulher construiu, juntamente com a traição, mentiras, em contraposição ao “bom [...] verdadeiro” (VILELA, 2006, p. 54) desta relação, para enganar este homem, fato que não aparece claramente para o leitor durante a narrativa.

Consequentemente, o ódio que nasce em Adão por esta mulher, revela-se na ofensa e através do desejo sexual violento, presente logo em seguida da referida acusação:

- Cadela! A mulher foi se afastando, ele veio vindo. – É isso que você é: uma cadela! Ela se encostou a uma árvore de grosso tronco. Ele agarrou sua blusa e rancou um botão. Rancou os outros. Rancou o soutien. Ela só o olhava, inerte e apavorada. (Vilela, 2006, p. 55).

Esta primeira reação da mulher, o pavor e a falta de ação, definem-se pelo não conhecimento do que o homem irá fazer com ela. Mas, no momento em que ele acaricia os seus seios, ela sente o desejo por esse homem: “Ele então pegou os seus seios, grandes e de tetas largas. Ela sentiu os dedos dele, fortes e ágeis. Fechou os olhos.” (Vilela, 2006, p. 55). Porém, em seguida o homem lhe rejeita: “Ela não pôde mais e abraçou-se a ele com sofreguidão. – Me larga! – ele empurrou-a.” (VILELA, 2006, p. 55)

Tem-se, nesta passagem do texto, o primeiro indício de ambigüidade entre o desejo e o medo que a mulher sente e o desejo e o ódio que o homem sente. Além disso, tem-se a partir daí, constantemente, a contraposição de sentimentos que as duas personagens têm entre si, numa oposição entre o ódio, o medo e o desejo erótico.

Diante desse conflito psicológico entre o casal, nasce em Adão um desejo violento: o sexo anal que, num primeiro momento é visto com medo e pavor pela mulher, mas em seguida, enquanto ela sofre a violência, acaba por descobrir como um prazer sexual e erótico, assim descrito pelo narrador:

Ela sentiu-o então sobre si – o corpo dele esmagando-a contra o capim, os braços e as pernas envolvendo-a, ele agredindo-a, machucando-a. – Você não pode... Está machucando... Ele ofegava em sua nuca, as mãos esfregavam seus seios e seu sexo. E de repente ela parou de chorar: sentiu que tinha entrado e que agora ia entrando, rápido e firme e de uma

vez. E então estava tudo dentro dela, e mexia, e ia e vinha, doído e enervante, e doce, e profundo, subindo até sua cabeça, entorpecendo-a, crescendo nela toda, fazendo-a torcer-se e rir e gemer e suspirar, e pedir e gritar, desatinada, alucinada, gritando gritando gritando – e então levada para longe, nascendo e morrendo em sucessivas ondas de luz e de escuro, até não poder mais: amoleceu desfalecida. (VILELA, 2006, p. 56).

Encontra-se, nesta descrição, uma definição contínua da evolução do medo e da dor para o prazer erótico e violento. Diante da violência do homem para com a mulher, o narrador foca a sua visão e a do leitor para essa mulher que está sendo violentada, descrevendo minuciosamente o que ela sente.

Inicialmente, percebe-se claramente que a mulher está recebendo esta violência sentindo dor e sofrendo, pois há a presença dos verbos esmagar, envolver, agredir e machucar e o fato de ela estar chorando. Em seguida, tem-se a afirmação do narrador que ela não chora mais e, conseqüentemente, a descrição detalhada de como ocorre a penetração anal. A partir daí, a fala do narrador tenta retratar o movimento de prazer que ocorre nela durante o ato sexual até o seu orgasmo.

Percebe-se que esta ênfase dada pelo narrador ao objeto feminino, defini-se pela apreensão da ambigüidade decorrente de uma relação de traição e violência entre um casal. Assim sendo, o fato do homem sentir prazer em violentar a mulher, realizando o seu desejo pelo sexo anal é esperado. Porém, a mulher vivenciar este mesmo prazer com o ato sexual anal de forma violenta surpreende o leitor, levando, portanto, o narrador a dar importância para o que a mulher está sentindo durante o ato sexual.

Ao longo do texto, tem-se a descrição do local onde o casal se encontra, sem referências do lugar específico em que este espaço está situado, e do clima neste dia, afirmando o conflito da história que será contada:

lam subindo devagar a encosta do morro, o homem na frente e a mulher atrás. [...] Por ali só se viam cerrados e matas; apenas, ao longe, o telhado de uma casa aparecia. Um pássaro chamado por outro à distância, num piar espaçado e desolado. Era um dia quente, abafado, o sol encoberto, o céu nublado. Do chão parecia às vezes subir ondas de calor. (VILELA, 2006, p. 53 - 54).

Tem-se, a partir das descrições que o narrador faz do local onde o casal se encontra, o questionamento do porque aquele casal sobe a encosta de um morro? De onde eles estariam vindo e para onde pretendiam ir? Fatos que não são conhecidos pelo leitor. O narrador somente enfatiza o vazio daquele lugar onde o casal se encontra, denotando o telhado de uma casa que estava longe e que podia ser vista do alto daquele morro. Por outro lado, sabe-se que a mulher traiu Adão de alguma forma, fato que talvez pode ter influenciado esta subida do morro, para ir embora do local da traição por vontade própria do casal ou por imposição de terceiros. Este local pode ser ou não esta casa que é avistada ao longe pelas duas personagens.

Aparece também, na descrição do narrador, a presença de uma cerca de arame farpado que o casal fica em frente olhando para a direção além daquela cerca. Esta cerca pode estar delimitando tanto o local onde eles se encontram como o seu lado oposto, o qual eles olham continuamente quando chegam ao auge do morro, antes de ocorrer o conflito dramático.

Pensando-se que o nome Adão, apresentado no conto, remete ao "Gênesis" da *Bíblia Sagrada*, considerar-se-á que a traição da mulher refere-se à árvore do conhecimento do bem e do mal no Jardim do Éden. Atenta-se para o fato de que quando Eva dá o fruto proibido para Adão, ambos descobrem que estão nus, denotando, assim, a descoberta da sexualidade feita pelo casal. Assim, apresenta-se a expulsão do casal, em que o homem acusa a mulher de uma traição que não é explícita e a violenta através da sexualidade. Na *Bíblia*, encontra-se a afirmação que esclarecerá a atitude da mulher diante da violência recebida: "a paixão vai arrastar você para o marido, e ele a dominará" (BÍBLIA SAGRADA, 1995, p. 04).

Além disso, o local de onde as duas personagens foram expulsas pode ser representado pela casa, que eles vêem de longe, e a cerca presente na narrativa seria a delimitação entre o local do qual eles foram expulsos e o local onde eles podem viver do dia da expulsão em diante.

Inclusive, encontra-se, nas descrições do narrador, a presença do clima quente no dia da história contada, fazendo com que as duas personagens estejam molhadas de suor e cansadas da subida na encosta do morro e, no caso da mulher, acrescenta-se uma tontura que ela sente e o fato do capim roçar as suas pernas. O calor deste dia apresenta-se como uma ênfase do conflito dramático, sendo responsável pelo cansaço e pela vertigem que as duas personagens apresentam, de forma a denotar o sofrimento que a traição da mulher trouxe para os dois.

Assim, tem-se o clima abafado que se instala no local naquele dia e a traição da mulher apresentados como uma forma de aumentar o conflito dramático gradativamente, até a chegada do seu auge no momento em que ocorre o ato sexual violento e erótico. Para que, em seguida, apresente-se a normalização da relação entre o casal, quando a mulher beija os pés deste homem que a violentou, dando-lhe a oportunidade de sentir um prazer erótico.

Tem-se, ainda, o cantar de um pássaro que está chamando outro de forma aflita e pausada, que estaria representando a tristeza do Jardim do Éden quando o casal foi expulso dele. Deste modo, o cantar triste dos pássaros apresenta-se como uma reafirmação do conflito dramático, demonstrando que está ocorrendo algo ruim naquele momento e naquele local.

A presença de uma cerca no morro pode estar delimitando o local onde o casal se encontra e o provável local de onde eles vieram. O fato das duas personagens, ao chegarem ao cume do morro, olharem para a mesma direção além daquela cerca, pode ser entendido como a tristeza por estarem deixando um local onde foram felizes e que não podem ser mais. Porém, se o que está além da cerca for o lugar para onde as duas personagens irão, apresenta-se na visão para esta direção uma esperança de que o futuro pode trazer algo melhor do que o presente. Conseqüentemente, o homem segura o arame farpado primeiramente com uma mão e depois com as duas mãos, o que poderia representar a esperança de um futuro, mas que representa a tristeza pela traição, sendo reafirmado com a fala de Adão, que acusa a mulher de ter destruído a relação entre os dois.

Também se encontra a presença do capim na encosta do morro, sendo apresentado gradativamente ao longo da narrativa como parte do conflito dramático. Desta maneira, tem-se: "O capim, por causa das chuvas, estava verde e crescido." (VILELA, 2006, p. 53), representando a constante evolução da natureza naquele local, independentemente da presença do casal e dos

demais acontecimentos da narrativa. Depois se apresenta o primeiro contato entre o capim e a mulher “Os ramos do capim roçavam-lhe as pernas.” (VILELA, 2006, p. 54), numa tentativa de aproximação entre o ser humano e a natureza. Em seguida, observa-se a presença do capim na relação erótica e violenta entre o casal: “ela se jogou no capim” (VILELA, 2006, p. 55), demonstrando o desejo erótico que ela estava sentindo e: “o corpo dele esmagando-a contra o capim” (VILELA, 2006, p. 56), representando a violência erótica e sensual na realização da cópula anal.

Portanto, percebe-se nas descrições dos espaços da narrativa uma relação de importância entre o conflito da traição da mulher e do desejo erótico e violento do homem. A descrição do local onde ocorrem as cenas impõe-se como essencial, definindo-se juntamente com a seqüência dos fatos até o seu desfecho.

Outro fator importante na descrição do narrador, é a constante afirmação da superioridade masculina sobre a mulher, como uma reafirmação do “Gênesis”, presente na Bíblia. Primeiramente, tem-se o homem na frente da mulher quando eles estão subindo o morro, quando chegam lá em cima, o homem posiciona-se em frente à cerca, enquanto a mulher fica um pouco atrás dele; em seguida a mulher se aproxima: “ficando quase ao lado dele” (VILELA, 2006, p. 54), mas nunca chega a estar ao lado dele realmente. Expressa-se que a mulher é responsável por ter destruído uma relação estável que as duas personagens tinham, sendo a mulher representada como a “Cadela” (VILELA, 2006, p. 55) e, por isso, fica a mercê do companheiro que irá violentá-la sexualmente.

Todavia, acrescenta-se ao pedido de perdão da mulher a afirmação de que “- Todos nós erramos...” (VILELA, 2006, p. 54), levando à contrariedade da suposta superioridade masculina, pois, o erro pode ser cometido por qualquer pessoa independentemente do seu sexo. Em seguida, apresenta-se no homem uma explosão de ódio, levando-o a violentar a mulher que lhe mostrou que o ser humano é passível de erros. Contudo, esta mulher recebe a violência passivamente, compartilhando o prazer junto com Adão.

Na finalização do conto “Cadela”, tem-se o homem dando a roupa da mulher para ela e mandando-a embora daquele local, enquanto ela está “perdida numa suave inconsciência” (VILELA, 2006, p. 56), em consequência do orgasmo atingido durante a cópula anal. Então ela “abriu os olhos: viu à sua frente o capim” (VILELA, 2006, p. 56) realçando a sua volta do prazer para a realidade. Em seguida, ela se veste e vai embora como Adão pediu. Mas, surpreendendo o leitor, ela retorna e beija os pés daquele homem que acabou de violentá-la.

Vê-se na mulher uma grande calma depois de ter sido violentada representando a total aceitação da violência recebida através de um desejo erótico e sensual. Além disso, a violência erótica através da cópula anal foi apresentada como se o homem tivesse perdoado a mulher pela traição no momento em que existiu o prazer entre os dois, embora, não se encontre explícita na narrativa a reação do homem quando a mulher retorna e beija os seus pés e nem se tem a confirmação de que este casal continuará junto após os acontecimentos narrados.

Buscou-se compreender, nesta análise do conto “Cadela”, como é representado o erotismo na literatura atual. Assim, percebeu-se como a posição do narrador influenciou a visão que o leitor tem das relações eróticas

presentes na narrativa, além de propiciar a apresentação da ambigüidade presente na oposição entre a violência e o erotismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. *Gênesis*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- TAMURA, Celia Mitie. Amor e erotismo em contos de Luiz Vilela. *Textos da Unicamp: Teoria Literária*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/teoria_literaria.htm>. Acesso em: 30 jul. 2007, 20:12:36.
- VILELA, Luiz. "Cadela". In. CLAVER, Ronald (org.). *69/2 Contos Eróticos*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2006, pp. 53-57.